Lembro-me de, quando adolescente, ver as chamas amarelas das velas do sabá dançando

aleatoriamente sobre os cilindros brancos de parafina que as alimentavam. Eu era jovem

demais para enxergar algum romantismo na luz de velas, mas ainda assim ela me parecia

mágica – em virtude das imagens tremulantes criadas pelo fogo. Moviam-se e se

transformavam, cresciam e desvaneciam sem nenhuma aparente causa ou propósito.

Certamente, eu acreditava, devia haver um motivo razoável para o comportamento da chama,

algum padrão que os cientistas pudessem prever e explicar com suas equações matemáticas.

“A vida não é assim”, disse meu pai. “Às vezes ocorrem coisas que não podem ser previstas.”

Ele me contou de quando, em Buchenwald, o campo de concentração nazista em que ficou

preso, já quase morrendo de fome, roubou um pão da padaria. O padeiro fez com que a

Gestapo reunisse todos os que poderiam ter cometido o crime e alinhasse os suspeitos. “Quem

roubou o pão?”, perguntou o padeiro. Como ninguém respondeu, ele disse aos guardas que

fuzilassem os suspeitos um a um, até que estivessem todos mortos ou que alguém confessasse.

Meu pai deu um passo à frente para poupar os outros. Ele não tentou se pintar em tons

heroicos, disse-me apenas que fez aquilo porque, de qualquer maneira, já esperava ser

fuzilado. Em vez de mandar fuzilá-lo, porém, o padeiro deu a ele um bom emprego como seu

assistente. “Um lance de sorte”, disse meu pai. “Não teve nada a ver com você, mas se o

desfecho fosse diferente, você nunca teria nascido.” Nesse momento me dei conta de que devo

agradecer a Hitler pela minha existência, pois os alemães haviam matado a mulher de meu pai

e seus dois filhos pequenos, apagando assim sua vida anterior. Dessa forma, se não fosse pela

guerra, meu pai nunca teria emigrado para Nova York, nunca teria conhecido minha mãe,

também refugiada, e nunca teria gerado a mim e aos meus dois irmãos.

Meu pai raramente falava da guerra. Na época eu não me dava conta, mas anos depois

percebi que, sempre que ele partilhava conosco suas terríveis experiências, não o fazia apenas

para que eu as conhecesse, e sim porque queria transmitir uma lição maior sobre a vida. A

guerra é uma circunstância extrema, mas o papel do acaso em nossas vidas não é

exclusividade dos extremos. O desenho de nossas vidas, como a chama da vela, é

continuamente conduzido em novas direções por diversos eventos aleatórios que, juntamente

com nossas reações a eles, determinam nosso destino. Como resultado, a vida é ao mesmo

tempo difícil de prever e difícil de interpretar. Da mesma maneira como, diante de um teste de

Rorschach, você poderia ver o rosto da Madonna e eu um ornitorrinco, podemos ler de

diversas maneiras os dados que encontramos na economia, no direito, na medicina, nos

esportes, na mídia ou no boletim de um filho na terceira série do colégio. Ainda assim,

interpretar o papel do acaso num acontecimento não é como interpretar um teste de Rorschach;

há maneiras certas e erradas de fazê-lo.

Frequentemente empregamos processos intuitivos ao fazermos avaliações e escolhas em

situações de incerteza. Não há dúvida de que tais processos nos deram uma vantagem

evolutiva quando tivemos que decidir se um tigre-dentes-de-sabre estava sorrindo por estar